

ANDREW SOLOMON

# Um crime da solidão

*Reflexões sobre o suicídio*

*Tradução*

Berilo Vargas



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2018 by Andrew Solomon

Copyright do texto “A morte da luz”, de *O demônio do meio-dia* © 2001 by Andrew Solomon

Todos os direitos reservados.

Os trechos de *Orlando*, de Virginia Woolf, citados nas pp. 53-4 foram extraídos da tradução de Jorio Dauster (São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014).

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

On Suicide

*Capa*

Elisa von Randow

*Foto de capa*

<completar>

*Preparação*

Ciça Caropreso

*Revisão*

Adriana Moreira Pedro

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Solomon, Andrew.

Um crime da solidão : Reflexões sobre o suicídio / Andrew Solomon ; tradução Berilo Vargas. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original: On Suicide.

ISBN 978-85-359-3183-9

1. Suicídio – Aspectos psicológicos 2. Suicidas – Comportamento  
3. Suicídio – Prevenção I. Título.

18-20753

CDD-155.937

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Suicídio : Aspectos psicológicos 155.937

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

# Sumário

A um esteta que morreu jovem .....	7
A morte da luz .....	27
Anthony Bourdain, Kate Spade e as tragédias do suicídio que podem ser evitadas .....	37
Suicídio, um crime da solidão .....	44
Ontologia de um suicídio .....	49
Anatomia de um homicídio-suicídio .....	58
A epidemia oculta .....	64
A armadilha da hereditariedade .....	73
A depressão também é uma coisa com penas .....	75



# A um esteta que morreu jovem\*

*In memoriam T. R. K.*

*Às vezes acho quase um pecado  
Expressar em palavras a dor que sinto;  
Pois se as palavras, como a Natureza,  
Revelam a alma dentro de mim,  
Também é verdade que a escondem.*

Tennyson, *In Memoriam A. H. H.*

Em fevereiro de 1982, no meio do meu primeiro ano de faculdade, fui convidado para uma festa pela mais glamorosa estudante de segundo ano que eu já tinha conhecido (agora uma das minhas amigas mais íntimas), e fiquei animadíssimo. Um acontecimento social de proporções perfeitas: um terço de pessoas que eu conhecia; um terço de pessoas que eu já tinha visto e gostaria

\* Publicado pela primeira vez em: *Yale Alumni Magazine*, 1 jul. 2010.

de conhecer; e um terço de pessoas que eu nunca tinha visto, porque habitavam uma estratosfera elevada demais para serem visíveis, algumas já no terceiro ou no quarto ano. A festa foi num dormitório de estudantes em Pierson. Spandau Ballet, Pat Benatar, The Human League cantando “Don’t You Want Me Baby”, que hoje me soam tão docemente nostálgicos quanto “Dixie”, tinham um frescor de orvalho da manhã. As pessoas usavam roupas que em 2010 podem estar voltando à moda pela quinta vez, mas que na época eram novidade — apesar de boa parte delas ter sido esmertamente selecionada no Exército da Salvação. Naquela época, a idade mínima para beber ainda era dezoito anos, por isso havia bebidas, e também algumas pessoas cheirando cocaína no banheiro, porque estamos falando dos anos 1980. Eu não teria me sentido mais emocionado e deslumbrado se tivesse sido convidado para o casamento do príncipe Charles e de Lady Diana Spencer no ano anterior. As pessoas eram espirituosas e engraçadas, divertindo-se muito, dançando bem, dando gargalhadas. Algumas estavam sentadas por ali à meia-luz de discoteca da sala, outras na ofuscante fluorescência da escada, e algumas, ainda, em pequenos grupos no pátio enluzado. Eu tinha odiado o ensino médio, onde me senti insignificante o tempo todo, e enfim ali estava eu, com aquelas pessoas incríveis, divertindo-me como poucas vezes na vida. É difícil lembrar de todos que participaram dessa festa, mas tentei fazê-lo recentemente, como exercício de memória, e percebi que ainda mantenho uma boa amizade com mais de vinte pessoas que estavam lá e que sou amigo no Facebook de pelo menos outras 25. Sempre digo que Yale foi o começo da pessoa que sou hoje, que nos ensinamentos fundamental e médio eu era alguém diferente, de quem mal consigo lembrar, mas que em Yale comecei a ser eu mesmo, e essa festa ficou marcada como o momento oficial da mudança.

Um homem de aparência afetada falava para um grupo aten-

to numa das salas, alguém que me disseram ser o colega de quarto do namorado de Jodie Foster, e ele e eu iniciamos uma longa conversa, e se a festa já era para mim o centro do universo, ele me pareceu ser o centro desse centro; todo mundo vinha falar com ele, e ele beijava e abraçava com verdadeiro afeto até mesmo os mais impertinentes; apresentou-me a todos que eu não conhecia, tomando conta de mim. Fiquei lisonjeado com sua atenção, e um tanto desconcertado, depois me sentei e conversamos quase a noite inteira. Quando a contragosto resolvi ir embora — às três da manhã, para não parecer ansioso demais —, ele me disse: “Que acha de sermos colegas de quarto no ano que vem?”. Surpreso, respondi que sim num impulso, depois disse que precisávamos conversar melhor, voltei a dizer que sim, e saí. Retornei ao meu quarto em Bingham Hall com a cabeça zonga de pensamentos agradáveis. No dia seguinte mencionei, despreocupadamente, para várias pessoas que eu estava pensando em ter Terry Kirk como colega de quarto no ano seguinte. Algumas reagiram com espanto, outras pareceram duvidar e outras, ainda, perguntaram se eu estava mesmo preparado para tanto. Eu não tinha certeza de coisa alguma; não sabia sequer se Terry tinha dito aquilo a sério. Não sabia se eu, como calouro, poderia ser colega de quarto de alguém mais adiantado. Mas dois dias depois me encontrei por acaso com Terry em Cross Campus, e ele perguntou: “E então! Vamos dividir o quarto?”. E eu disse que sim, com o mesmo sentimento com que, mais tarde, trataria o amor, as aventuras, as viagens e a vida, com aquela sensação de quando se olha para os dois lados, conclui que é perigoso, mas mesmo assim vai em frente. Havia um ardor em Terry, uma centelha, uma exuberância, características que tornavam o glamour um pouco menos assustador do que poderia ser.

Anos depois, conversando sobre aqueles tempos, Terry disse que não queria morar com ninguém com quem pudesse ir para a

cama — o que, percebi mais tarde, eliminava grande parcela da população de alunos da graduação — e que ele gostava mais de mim do que de qualquer outra pessoa por quem não se sentia fisicamente atraído. Passei algum tempo tentando entender se isso era um elogio, mas acho que era verdadeiro e mútuo. Eu era reprimido demais naquela época e não queria admitir que sentia atração física por ninguém, mas não me sentia atraído por Terry, embora ele fosse bonito, estupendo. Eu separava bem o sexual do romântico, e nada me convinha mais do que uma amizade não erótica, mas romântica em extremo, e foi o que tivemos. Eu queria ser insubmisso e exagerado, mas era constrangido por um respeito profundamente arraigado pela decência, o que hoje me parece uma camisa de força. Não havia nada que Terry se imaginasse fazendo que ele de fato não pudesse fazer, e isso me apavorava e me estimulava. Ele costumava usar uma grossa capa de lã verde e um chapéu alto com uma pena. Desempenhava o papel principal em musicais e dançava da mesma maneira no palco ou fora dele — até mesmo enquanto aguardava na fila do brunch em Davenport. Em geral, tinha um namorado e uma namorada, às vezes mais de um de cada gênero, e não era sexualmente estrito nem mesmo dentro desses frouxos limites. Interessava-se por tudo e por todos; aprendi com ele que categorias são bobagens, que é possível a gente se divertir em qualquer lugar. Ele não tinha dinheiro, longe disso, mas de modo inexplicável parecia ter sempre à mão uma garrafa de champanhe Veuve Clicquot. Em 1982, não era fácil encontrar Veuve Clicquot nos Estados Unidos, por isso devia ser novidade também em todo o país, mas em Yale era um absurdo; o resto das pessoas bebia Freixenet, se fossem pretensiosos demais para ficar na cerveja. Em certo sentido para mim é difícil lembrar tudo que tornava Terry tão fascinante, porque ele me ensinou muito do que havia nele de incrível, e agora que sua influência está costurada à minha personalidade, não consigo mais



separá-la. Não me lembro da pessoa que eu era antes de absorver sua cintilação e sua crença em que a vida era um intenso exercício de prazer.

Recesso de primavera, primeiro ano, entrei em pânico. Eu não queria ser gay; eu não seria gay. Se eu partilhasse o quarto com Terry Kirk, iam pensar que eu era gay. Se morasse com Terry Kirk, haveria grandes farras em meu próprio quarto, e eu jamais me tornaria o falso “aluno mauricinho, branco e protestante a caminho da faculdade” que eu planejava ser. Eu sabia que pessoas muito teatrais eram falsas e que pessoas de verdade eram contidas, moderadas e concentradas nos estudos. Eu seria um fracasso se aquilo fosse adiante. Meus pais haviam me perguntado sobre a pessoa com quem eu dividiria o quarto, e, como Terry e meu pai eram apaixonados por ópera, achei que seria uma boa ideia convidar Terry para assistir à *Madame Butterfly* com minha família. Programamos nos encontrar no apartamento de meus pais, tomarmos um drinque, depois jantar no restaurante favorito de minha mãe e de lá seguirmos ao Met para o espetáculo. Terry chegou meia hora atrasado, o que na minha família era inaceitável num primeiro contato, fosse qual fosse a situação. Além disso, apareceu com a capa verde e o chapéu, de calça branca enfiada em uma bota Charles Jourdan de cano alto que muito provavelmente não se destinava ao público masculino. A impressão que causou foi, para usar um eufemismo, a de uma figura arrojada. Minha mãe já estava com raiva do atraso, e fiquei observando com o estômago revirado Terry produzir uma torrente de charme que simplesmente se recusava a estancar sob o olhar desdenhoso dela. Agora que sou velho e sábio, percebo que minha mãe também achava que eu só podia ser gay se ia mesmo morar com Terry Kirk, e ela não estava nem um pouco feliz com isso, mas tudo que me lembro daquele momento é que senti um grande alívio quando a história de Cio-Cio, que em comparação me pareceu feliz e nada teatral, começou a se desenrolar no palco.

Passei o verão pensando que tinha sido um erro, mas já era tarde demais. Juntamo-nos e conseguimos uma suíte imensa no Silliman College, com mais um amigo, o que era condizente com a política de Terry de morar cada ano numa residência diferente. Passei as semanas iniciais daquele primeiro semestre, meu segundo ano, o terceiro dele, evitando-o, o que não era fácil, pois dormíamos em beliches. No começo, a estratégia de Terry foi ignorar minha frieza e grosseria, e a minha foi passar o tempo todo no Jonathan Edwards College, onde estava a maioria dos meus amigos. Mas, por fim, Terry me obrigou a sentar para uma conversa. Não lembro o que eu disse; não imagino o que possa ter dito, mas lembro de Terry falar com seriedade sobre sermos amigos independentemente de qualquer coisa. Seria falso dizer que o resto do ano foi livre de tensão. Às vezes, num sábado, eu queria voltar para a cama e dormir, e me irritava com a presença de outras setenta pessoas numa festa temática para a qual Terry tinha transformado nosso quarto num canteiro de obras, onde não faltavam sequer cones laranja, andaime e o que parecia ser um grande buraco numa parte do teto. Outras vezes tudo que eu queria era estudar sem ter a atenção distraída pelas lâmpadas de Natal que ele tinha pendurado na pequena sanca em volta do quarto. Às vezes eu gostaria de chamar dois amigos para me preparar para uma prova sobre Tennyson, e ficava desorientado com a presença, numa sala de estar de dezoito metros quadrados, de um teto rebaidado todo feito de raízes leguminosas penduradas com pedaços de linha de pesca e retroiluminadas com gel vermelho. Às vezes ter pessoas quebrando taças de champanhe em nossa lareira parecia um pouco demais às cinco da manhã. Mas, compensando tudo isso, havia também conversas sobre música, que eu amava, mas que Terry conhecia muito melhor do que eu, e sobre arquitetura, de que eu na verdade não entendia nada, mas Terry entendia, e sobre a própria amizade. Aos poucos percebi como eu era

crítico com relação a seus amigos, mas que ele sempre acolhia os meus de braços abertos, e que ele era capaz de fazer qualquer pessoa se sentir uma celebridade pela qualidade da atenção que dispensava a ela, mesmo quando seu objetivo era chamar a atenção da pessoa para si mesmo. Surpreendeu-me ver que Terry levava seu trabalho acadêmico a sério, e me dei conta de que ele adorava aprender tanto quanto as pessoas de óculos com marcas de sujeira que eu considerava mais sérias do que ele. Curiosamente, foi minha mãe quem comentou, depois de uma de suas visitas a nosso quarto, que Terry era extraordinariamente amável e o mais educado dos meus amigos.

Levei anos para perceber como era difícil viver comigo. Eu negava o tempo toda boa parte do que havia de mais básico sobre mim mesmo, por isso, embora Terry me atraísse pela ausência de repressão, isso também me causava repulsa. Lembro de como me irritei com ele quando entrei no quarto e o flagrei com uma garota de aparência exótica que era sua parceira de dança num show de jazz numa quadra de squash — as quadras de squash faziam as vezes de teatro na Yale dos anos 1980. A sensualidade dele era um desafio à minha respeitabilidade, o que o tornava objeto de todas as minhas inseguranças, que não eram poucas. Levei outros vinte anos para assumir alguma dose da sua liberdade de pensamento, de espírito e de vida. Ele era uma tia Mame regalando-se à mesa de banquete, enquanto eu mastigava pão velho. Eu costumava ficar furioso com ele, para diminuir nossa intimidade, mas ele era obstinado; jamais desistiu de mim. No fim do ano, éramos amigos permanentes, e eu tinha aprendido um pouco sobre a coragem da qual se originavam seus excessos, e me tornado uma pessoa mais generosa. Não continuamos morando juntos no ano seguinte; consegui um quarto só para mim no Jonathan Edwards, e Terry transferiu-se para Branford, mas com frequência jantávamos juntos.